

OBITUÁRIO

Gabriel Omar Skuk Sugliano (1962-2011)

Miguel Trefaut Rodrigues

Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, Brazil. E-mail: mtudri@usp.br.

Em 19 de março de 2011, aos 49 anos, faleceu Gabo, como era tratado carinhosamente por seus amigos. Gabriel Omar Skuk Sugliano nasceu a 1º de janeiro de 1962, em Montevideú, Uruguai, filho de Mario Andres Skuk Ceper e Marta Nirma Sugliano Viglino. Contrariando a lei da vida, Gabo deixa seus pais e um irmão mais velho, Daniel Dario Skuk Sugliano, além de sua esposa Beatriz Fabiana Baldas e de seus filhos, Breno e Enzo Baldas Skuk.

Desde menino interessou-se pela Zoologia, e já aos 9 anos mantinha coleções de Coleoptera e Lepidoptera, entre outros insetos. Após ter lido “Anfíbios y Reptiles de Uruguay” de Orejas-Miranda, apaixonou-se pela herpetologia, coletando e aprendendo a identificar a herpetofauna uruguaia. Foi também nessa época que descobriu o Museu de História Natural de Montevideú, que ficava a poucas quadras de onde praticava ginástica e natação e do qual passou a ser frequentador assíduo. Superando sua timidez em uma dessas visitas, e acompanhado de seu irmão, bateu à porta da biblioteca e foi recebido por Orejas-Miranda, que lhes mostrou os laboratórios e coleções do Museu. Essa visita marcou sua vida e o levou a intensificar as coletas que realizava ao redor de onde vivia e nas viagens de férias com a família. Parte desse material foi depositada anos atrás nas coleções do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Aos 12 anos descobriu o “Centro de Estudos de Ciências Naturales (CECN)”, uma instituição privada composta por pessoas interessadas em Ciências Naturais e Arqueologia. O Centro possuía cole-



ções e terrários com animais vivos e reunia entre seus membros alguns profissionais, entre eles Raul Vaz Ferreira, Diretor do Departamento de Vertebrados da “Facultad de Ciências”, o que assegurava qualidade técnica ao grupo. Até seu ingresso na Universidade, Gabriel permaneceu associado ao CECN, viajando muito pelo Uruguai.

Alguns anos depois de seu ingresso no grupo, passou a ser responsável pelos répteis, enquanto seu amigo Rafael de Sá (hoje professor em Richmond, EUA) cuidava dos anfíbios. Gostava também de Arqueologia, sendo membro do

“Centro de Estudios Arqueológicos Del Uruguay”, que representou durante a missão argentina de resgate arqueológico em Salto Grande. Em 1980 ingressou na “Facultad de Humanidades y Ciencias” da “Universidad de la República Oriental del Uruguay”, onde, em 1986, graduou-se em Ciências Biológicas. Logo após seu ingresso na Universidade, participou de congressos e visitou Porto Alegre, onde entrou em contato com herpetólogos brasileiros e para onde passaria a viajar com frequência.

Gabriel lia muito, e seu interesse por evolução se solidificou ao ler as obras clássicas de Mayr e Dobzhansky. Em 1986 foi contratado em concurso público pelo Departamento de Vertebrados da “Facultad de Humanidades y Ciencias de Montevideo”, onde manteve seu interesse pela pesquisa em herpetologia e citogenética. Em 1988, ainda professor no Uruguai, e a caminho das Galápagos, a convite da Estação Científica Charles Darwin, me procurou para fazer seu Mestrado no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Antes de seu ingresso, ainda foi coletar répteis e anfíbios nas regiões andina e amazônica do Equador. Ingressou na pós-graduação no final de 1989, concluindo seu Mestrado em 1994 com a dissertação intitulada “Variação geográfica, ecologia e relações filogenéticas das espécies de *Tropidurus* do grupo *nanuzae*”. Seu Doutorado, “Revisão dos lagartos do complexo *Ameiva ameiva* (Squamata: Teiidae)”, também sob minha orientação, foi concluído em 1999.

Foram dez anos de convivência muito próxima, no laboratório, no campo e entre amigos. Viajamos muito juntos, pela Amazônia, no Cerrado, nas Caatingas, nos Campos Rupestres, nos Lavrados de Roraima. Pelas qualidades que reunia, Gabo estava sempre entre meus companheiros de viagem, levando consigo sua inseparável mochilinha verde. Nunca reclamava de nada. Afável, amigo, gostava tanto do contato com a natureza, que tudo estava sempre bom para ele, quer dormíssemos em um hotel razoável, numa espelunca ou mesmo a céu aberto, com comida boa ou ruim. Embora excelente gourmet e ótimo cozinheiro, o que importava realmente

era o ambiente, as descobertas que as viagens propiciavam, o espécime raro obtido ou a foto impecável que conseguia com sua invejável paciência. Recentemente um profissional da BBC que levou Gabo para a Amazônia para ajudá-lo a filmar os lagartos do gênero *Coleodactylus* disse-me que a qualidade das cenas que obtiveram nas filmagens devia-se à sua seriedade, criatividade e paciência.

Como coletor, Gabo era imbatível. Dotado de físico atlético e de excepcional condicionamento, não havia montanhas e caminhadas que fossem difíceis para ele; estava sempre disposto a vencer os desafios. Trabalhávamos incansavelmente, durante o dia e à noite. Ainda assim, lembro-me de várias vezes ter gritado por ele na mata, já de madrugada, dando por encerrada a coleta. Ele demorava a voltar, vinha com coisas novas e mostrando que gostaria de ficar mais. Engenhoso, perspicaz, hábil e paciente, inovava sempre, procurando meios imaginativos de coletar espécies de répteis ou anfíbios fugazes ou inalcançáveis pelos métodos tradicionais. Apesar de sua humildade, fala mansa e introspecção, era profundamente respeitado por seus colegas de campo, que o tinham como o mestre dos coletores. Lembrava-se sempre de todos, amigos ou não: uma aranha para fulano, um escorpião para sicrano, aquelas moscas de que alguém precisava ou aquela foto que seria útil a alguém. Quando descobria coisas novas, perdia completamente a timidez e voltava a ser o menino que, infelizmente, não conheci. Corria na nossa direção com um sorriso relaxado e um brilho indescritível nos olhos para mostrar sua nova descoberta. Lembro-me muito bem em Caetité, na Bahia, quando apareceu com o primeiro exemplar de uma espécie de *Eurolophosaurus* ainda não descrita que coletara, ardendo de felicidade. Nesses momentos, falava muito, ficava completamente desinibido.

Gabo adorava a herpetologia. Era um sistemata com sólida formação evolutiva, que utilizava para compreender questões sobre a origem e a evolução dos grupos que estudava. Perseguia os problemas até solucioná-los, mas, via de

regra, não insistia muito na publicação de seus dados. Saciada a fase da curiosidade, dava-se por feliz, passando a outro problema, priorizando ajudar os outros no que fosse necessário. Esta é uma das razões pelas quais não se pode medir sua contribuição científica apenas pelos vários trabalhos que publicou. Solícito, bondoso, ajudava a todos. Perdia dias auxiliando um colega a fazer uma figura de qualidade para uma publicação ou inspecionando espécimes que ajudassem a melhorar um trabalho do qual fazia questão de não participar.

Sua timidez era conhecida, especialmente o sorriso trancado que mantinha nas fotos. Parecia um índio primitivo quando se lhe apontava uma máquina fotográfica: instantaneamente trancava o sorriso e cruzava os braços. Embora lhe dissesse “ninguém vai arrancar tua alma, Gabo”, permanecia imutável. Contudo, por trás dessa timidez escondia-se um homem extremamente culto. Lia muito, não só sobre ciência e herpetologia, mas também arqueologia, filosofia, literatura, viagens, geografia, política e artes, e adorava falar sobre esses temas.

Terminado seu Doutorado, Gabriel foi para a Universidade Federal da Paraíba como professor-visitante, onde permaneceu de 2000 a 2002 oferecendo disciplinas e trabalhando na coleção herpetológica da instituição. Em 2002 foi aprovado em concurso público na Universidade Federal de Alagoas, campus de Maceió, passando a atuar como docente e curador do Museu de História Natural da universidade, onde permaneceu até sua morte.

Em Maceió, Gabo sentia-se plenamente realizado, pois além de poder ensinar seus alunos e de estar com eles no campo, coletando e observando répteis e anfíbios, estava ao lado do mar, que adorava. Várias vezes ouvi-o falar das cores daquelas águas verde-azuladas que o fascinavam, as mais fantásticas da costa brasileira. Por ironia da vida, foi o mar que o levou.

Guardarei para sempre a figura do amigo que perdi cedo, que adorava a herpetologia e a vida de campo. O tempo não apagará os anos de convivência tão proveitosa para todos nós. Não tenho dúvida também de que a grandeza humana que encerrava permanecerá indelével na nossa memória.



Giuseppe Puerto, Renato Bérnils, Gabriel Skuk e Miguel Trefaut Rodrigues durante o III HERPÉTIL, realizado no Instituto Vital Brazil (Niterói, RJ) em agosto de 2010.

Fotos: Marco Antonio de Freitas